

TELECRÓNICAS NR.19**ADMIRÁVEL MUNDO NOVO, publicada a 13 de Abril de 2020**

Ontem à noite olhei pela janela. Há, agora, já várias semanas que o cenário se alterou. Antes, eram poucas as janelas iluminadas, através das quais era possível ver divisões cheias de tarefas e animação, todos os dias e todas as noites. Havia mesmo muitos apartamentos em que eu tinha certeza de que não vivia ninguém. Ou que era alguém com horários complicados, vida social agitada, que viajasse muito. Estava enganada.

Hoje, as (muitas) vidas que se desenrolam dentro e fora (nas varandas, quero dizer) dessas paredes são, afinal, imensas. Há mesas de jantar cheias à refeição, pessoas em convívio no sofá, quem aproveite a varanda estreita para se sentar a apanhar sol, quem venha só espreitar o dia (ou a noite), crianças e jovens debruçados a estudar, malta a trabalhar no computador sentado à porta da varanda.



Confesso que tive um momento nostálgico: é que eu cresci assim, com casas como palco principal das actividades das pessoas e das famílias. A vida era assim. Era em casa que se desenrolavam os principais momentos da vida, desde os mais simples, como as refeições, as tarefas quotidianas e os momentos de lazer, até aos mais importantes, como as festas, as datas comemorativas, as reuniões familiares.

Jantar fora, ir ao cinema, ir ao teatro, visitar um museu, um monumento, uma exposição, ir a um concerto, eram

momentos importantes porque escassos. Dávamos-lhe muito valor. Já nem vou lembrar que tudo o que era cultural chegava cá com dois anos de atraso. Era ainda mais valorizado por isso.

Depois, a partir do fim dos anos 1980, o mundo foi-se expandindo, as barreiras atenuaram-se, ganhámos infra-estruturas de comunicação, as coisas começaram a circular e a chegar cá cada vez mais depressa e ao ritmo de outros países.

Ganhámos qualidade de vida, poder de compra, progresso. Habituámos-mos às tournées de grandes bandas, aos filmes que estreavam sem atrasos, aos livros que eram traduzidos mais rapidamente ou se vendiam na língua original, à última moda de vestir, às marcas internacionais, ao mobiliário moderno, à tecnologia, aos carros, às viagens.

Quando em 2008 a crise do subprime se abateu sobre o mundo e, brutalmente, sobre Portugal, tive uma conversa complicada com um grupo de amigos. Ainda não se tinha noção da extensão do problema e das suas consequências. A poeira ainda nem começara a assentar, só estavam a começar a ser anunciadas as primeiras medidas para controlar a situação. A palavra austeridade ainda não passava de boca em boca.

A maioria desses meus amigos estava em choque. Tinham atingido uma qualidade de vida e um poder de compra que não tinham comparação com nada que a geração dos nossos pais tivesse pensado ser possível.

Era impensável perder esse nível de vida e também, admitamos, esse estatuto. Poder ter um trabalho de que se gosta e justamente pago e, com ele, poder garantir casa própria, às vezes segunda habitação, um ou dois carros por família, os dois ou três filhos a estudar em bons colégios, acesso a actividades e cultura de qualidade para miúdos e graúdos, viajar e conhecer outras culturas, vida social interessante, casa bem decorada, tecnologia de ponta e, tudo, a poder ser “renovado” sem grande esforço periodicamente, era o modelo de vida a que tínhamos chegado e que, por uma vez na história do país, parecia que tinha vingado.

Mas “o mundo mudou” e, de repente, esse modelo de vida que tínhamos construído e que sabíamos merecer (porque era fruto do nosso esforço) estava posto em causa. A maioria desses meus amigos tiveram como reacção imediata a recusa. Não aceitavam que, sem qualquer responsabilidade ou contributo para a situação de crise, fossem agora as primeiras vítimas dela. Não aceitavam perder as coisas que tinham alcançado e que julgavam, legitimamente, serem indispensáveis à sua felicidade.

Alguém tinha de resolver as coisas, havia que pagar, mas eles não. Não prescindiriam de nada. Recusavam-se, sequer, a pensar em como ajustar o seu modo de vida, como escolher as coisas de que podiam abrir mão ou fazer de forma diferente para tentar manter as verdadeiramente importantes.

A frase que encerrava toda a fúria dessa recusa era o famoso “andámos a viver acima das nossas possibilidades”. O problema dessa frase era que a maioria de nós, que até vivia vidas regradas e tentava não se exceder demasiado nos consumos, considerava, justamente, que ela não se aplicava a si, em particular. A verdade é que se aplicava a todos como povo, ao país e ao mundo.

Esse progresso, bem-estar, qualidade de vida, que fomos ganhando progressivamente, teve um preço: o exagero e o esquecimento. Explico-me.

Por um lado, com mais poder de compra e mais coisas disponíveis e baratas, passamos a consumir muito mais do que antes e, às vezes, desnecessariamente

E, por outro, esquecemos ou perdemos uma série de comportamentos que tornavam a vida (e a carteira) mais controlada. Mas não fazia mal. Afinal, agora, tínhamos dinheiro.



Só que, de repente, deixámos de ter. E já não queríamos ou sabíamos voltar para trás. Já não queríamos pensar em deixar de jantar fora todas as semanas, ir beber copos com os amigos ao fim de semana, fazer férias com a família inteira num resort exótico, mudar de carro e telemóvel quase todos os anos, ir a concertos, festivais, eventos. Ter uma vida social rica e preenchida que se fazia, sobretudo, fora de casa.

Defendi, nessa altura, em longas discussões com esse grupo de amigos, que não valia a pena recusar a mudança: ela estava ali, à nossa frente, e desta vez era para pior. E defendi, também, que aquela crise era uma oportunidade. Uma oportunidade de recuperar hábitos e atitudes que, longe de serem motivos de vergonha, eram comportamentos de bom senso. E eram a tal possibilidade de, entre tanto de que íamos ter de abdicar, manter as coisas importantes.

Chamei-lhes na altura comportamentos de poupança (de dinheiro, de recursos, de cuidado com as coisas, etc.).

Éramos todos da mesma geração, tínhamos crescido com eles. Mas, aparentemente, eu era a única que estava disponível para os recuperar. Aliás, alguns, nem nunca deles tinha abdicado.

Enquanto os meus amigos diziam “eu não quero deixar de jantar com os meus amigos, não quero deixar de ter um bom carro, não quero deixar de viajar” eu disse “vamos passar a fazer jantares em casa de cada um, levamos bebidas e petiscos, temos um bom carro e cuidamos dele para que dure, viajamos uma vez por ano mas viajamos, etc.”.

A mensagem era se nos adaptarmos não temos de perder as coisas que nos são mais importantes. Temos de fazer escolhas, estabelecer prioridades, dar mais valor ao que temos do que ao que gostávamos de ter.

Nessa altura, nem todos soubemos aprender as lições da poupança. E, hoje, estamos em 2020, e o mundo acaba de mudar outra vez. Desta vez a mudança que nos é imposta não começou pela gestão do dinheiro mas o seu efeito económico vai ser ainda mais terrível.

Mas é mais uma oportunidade para repensar a nossa forma de vida, a maneira como a economia está organizada sempre para o “mais” quando podia estar para o “suficiente”, a forma como nos comportamos no dia-a-dia e o impacto que provocamos. E de reactivar os comportamentos de poupança.

Não é viver pior. É viver com consciência. Gastar só o que se necessita. Não desperdiçar. Não ter de ter tudo ao mesmo tempo, aqui e agora. É viver mais devagar. E com mais qualidade.

Ter menos dinheiro mas também ter mais tempo porque trabalhamos menos horas. Mas, também, precisar de menos porque temos uma vida mais orientada para a qualidade do que para a quantidade.

Usufruir do tempo. Usufruir do espaço. Usufruir do silêncio.

Afinal, o segredo do admirável mundo novo que nos espera pode bem estar escondido no nosso passado. E isso pode ser bom!